

“DEPOIS QUE A GUERRA PEGOU PREÇO”: OS SIGNIFICADOS DA VIOLÊNCIA EXTREMA PARA O MERCADO DE DROGAS DO RIO GRANDE DO SUL¹

Betina Warmling Barros (Doutoranda PPGS-USP)

Melissa de Mattos Pimenta (Professora Associada PPGS-UFRGS)

Introdução

Entre os anos de 2016 e 2018, as mortes por meio de esquartejamentos, decapitações e alvejamentos deixaram de ser exceção na cidade de Porto Alegre e Região Metropolitana (RMPA). Conforme noticiado pelo jornalismo local, em 2016, foram 16 decapitações na região e 15 chacinas que vitimaram ao menos 50 pessoas. Apenas nos primeiros dois meses de 2017, foram 9 casos de esquartejamentos. Em 2018, foi registrada média de um esquartejamento por mês até maio na capital do estado².

Essa diferenciação qualitativa de um conjunto importante de episódios de violência letal também veio acompanhada de um ápice nas taxas de homicídios da capital do Rio Grande do Sul, que saltou de 44 para 52,9 homicídios por 100 mil habitantes (FBSP, 2017; 2019). À época, especialistas da Segurança Pública, autoridades policiais e imprensa formaram um consenso de que os eventos decorriam das disputas entre grupos criminosos pelo predomínio no mercado das drogas em certas localidades da cidade.

O objetivo deste artigo é apresentar algumas explicações para as mortes com uso do que chamamos de *violência extrema*: esquartejamentos, decapitações e alvejamentos, assim como o aumento do número de chacinas em Porto Alegre e na RMPA, perpetradas por facções do tráfico de drogas que operam na capital do Rio Grande do Sul, região metropolitana e interior do estado. Partimos do pressuposto de que essas práticas configuraram novas maneiras de engendrar relações entre os grupos ligados ao tráfico de drogas.

Como ponto de partida, o termo *violência extrema* também pode ser entendido como sinônimo para mortes com características de *crudelidade*, denominação utilizada por parte da literatura para designar atos cometidos por meio da violência exacerbada que causa sofrimento

¹ 44º Encontro Anual da ANPOCS, GT 24 - Mercados ilícitos e dinâmicas criminais.

² Dados retirados respectivamente de: “POLICIAIS se especializam para apurar decapitações”. (2017), *Zero Hora*, 16 fev, p. 19; “16 decapitações, 1 inquérito concluído”. (2017), *Zero Hora*, 10 jan., p. 19; “PORTO Alegre teve um esquartejamento por mês em 2018”. (2018), *Diário Gaúcho*, 22 mai.

à vítima e cuja justificativa não é aparente (Barreira, 2015). Desse modo, os resultados da pesquisa buscam dar maior ênfase a um conjunto específico de episódios de violência letal que estamos chamando, genericamente, de *violência extrema* e que se aproximam do conceito cunhado pela autora mexicana Sayak Valencia de “*violência gore*”. Para a autora, assim como nos filmes do gênero³, nas práticas *gore* há uma teatralização da violência, um excesso de derramamento de sangue e uma exposição visceral do corpo (2010, p. 24).

A categoria “nativa” utilizada neste artigo para definir os grupos praticantes de tal violência é quase sempre *embolamento* ou *facção*⁴. O primeiro termo é bastante característico das dinâmicas dos grupos da região: não se trata de um agrupamento coeso e hierárquico, mas de grupos *embolados* entre si em relações dinâmicas e provisórias⁵. Definimos o *embolamento* como um conjunto de relações entre sujeitos reunidos em prol do comércio de drogas ilícitas em um determinado território. É um ente que emerge da interação entre os sujeitos *embolados*, ganha um nome e uma “personalidade” própria, de modo que se torna possível pensar no grupo como uma *estrutura social* com relativa autonomia e com especificidades que extrapolam o somatório das características individuais dos sujeitos que a integram.

O artigo é baseado em pesquisa realizada entre 2018 e 2019, em Porto Alegre, pela combinação de três técnicas. A primeira delas foi a análise documental do material midiático publicado em dois jornais regionais, *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, a respeito das dinâmicas do tráfico de drogas local, publicadas entre janeiro de 2016 e dezembro de 2018 nos dois periódicos⁶. A análise das notícias de jornais permitiu a reconstrução histórica dos conflitos com uso de extrema violência entre os *embolamentos* do estado.

A segunda técnica utilizada foi a aproximação com atores sociais ligados a esse fenômeno, por meio da realização de grupos focais com adolescentes internados em Unidade Socioeducativa na Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (FASE/RS)

³ *Gore* é um subgênero cinematográfico de filmes de horror caracterizado pela presença de cenas extremamente violentas, com muito sangue, vísceras e restos mortais de humanos ou animais. Para ilustrar, o gênero terror *gore* pode ser representado pelo filme italiano *Holocausto Canibal*, do diretor [Ruggero Deodato](#).

⁴ Nesse sentido, coaduna-se com a crítica de Paiva quanto aos limites da categoria nativa “facção”, mas parte-se dela para trabalhar a ideia um “coletivo constituído por associações, relacionamentos, aproximações, conflitos e distâncias necessárias entre pessoas comprometidas em fazer o crime, desenvolvendo relações afetivas profundas, laços sociais elaborados como os de família, e um sentimento de pertença desenvolvido pela crença em determinadas orientações políticas e éticas que a sustentam” (2019, p. 170).

⁵ Cipriani entende os *embolamentos* como “frente de alianças” (2019, p. 20) ou ainda como “termo utilizado para se referir às relações internas a um grupo ou à aliança entre diferentes grupos (2019, p. 98)”.

⁶ O levantamento foi feito no Centro de Documentação do Grupo RBS, conglomerado midiático que publica e comercializa os periódicos. A busca foi feita utilizando-se as palavras-chave “facções” e “violência” e, após a filtragem das notícias que não se relacionavam com o tema da pesquisa, chegou-se a um total de 127 páginas em formato .pdf com notícias sobre as facções criminosas que operam na capital.

vinculados às facções do tráfico de drogas⁷. Trata-se de um conjunto de dez adolescentes, divididos em dois grupos compostos por quatro e seis participantes. A seleção e divisão dos adolescentes levou em consideração o nível do envolvimento com os grupos criminais e a maneira como eles já estavam divididos no interior da Unidade. O método foi utilizado como forma de compreender como as redes sociais poderiam estar relacionadas com a violência, no contexto específico dos conflitos entre facções na cidade de Porto Alegre e RMPA.

Assim, as discussões nos grupos focais se deram em torno do tema “Redes Sociais e Violência”, uma escolha que decorreu por duas razões principais. A primeira foi a emergência, durante o campo exploratório, de relatos a respeito da importância que as mensagens de *WhatsApp* e os perfis do *Facebook* tiveram na dinâmica das facções do tráfico durante o período entendido como “guerra”. A segunda razão foi a opção por um tema que apenas tangenciasse a questão da “violência do tráfico de drogas”, deixando para os adolescentes a escolha sobre como gostariam de adentrar na temática.

Finalmente, entrevistamos quatro dos adolescentes internos da FASE que participaram dos grupos focais, utilizando, para isso, a técnica de entrevista narrativas individuais do tipo “trajetórias de vida” a partir da qual o sujeito narra suas experiências de vida em um contexto de uma entrevista de história oral (Santos; Volter; Weller, 2014, p. 200).

O material coletado nos dois periódicos indicou maior ocorrência de mortes por alvejamentos, esquartejamentos e decapitações, em um contexto nomeado pela mídia local como de disseminação da “brutalidade na capital” (Zero Hora, 2016). Existem duas características que permitem tratar essas distintas manifestações da violência extrema como parte de um mesmo fenômeno social. A primeira é a visibilidade das mortes e a segunda é o alvo da violência centrado no corpo e na individualidade de um sujeito *embolado* numa facção rival (o chamado *contra*). Conforme será desenvolvido ao longo do artigo, essa segunda característica se transformou no momento mais recente da *guerra*, quando os *atentados* passaram a ser a tática principal.

Após atingidos, os corpos das vítimas eram deixados em locais estratégicos da cidade, de modo que a facção contrária se deparava com a vítima no seu local de atuação, reconhecendo, por meio da violência exercida, a ameaça que lhe estava sendo dirigida. Além disso, os esquartejamentos dos corpos permitiram *expandir* o recado: cada parte da vítima era inserida em sacos plásticos e distribuída em mais de uma região da cidade. A territorialização do tráfico

⁷A pesquisa observou os procedimentos internos para a realização de pesquisas dentro da instituição, tendo sido aprovada em observância da Resolução 004/2017 da FASE e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (CEP-UFRGS). Ela está registrada na Plataforma Brasil sob parecer nº 14306719.0.0000.5347.

e a associação entre a região da cidade e os coletivos que as dominam cumpria, portanto, um duplo papel: servia tanto como indicativo de que se tratava de crime relacionado ao tráfico de drogas, como ponto de partida para a identificação de qual facção foi responsável pelo ato.

Antes de discutir os resultados da pesquisa, contudo, retomaremos os principais conceitos que guiam a análise realizada. Em seguida apresentaremos um panorama da constituição das facções gaúchas, explicitando os conflitos que levaram à escalada da violência extrema no período em análise. Parte-se então para a delimitação dos três principais *embolamentos* do estado, com destaque para a atuação em Porto Alegre e Região Metropolitana nos últimos anos. Em seguida, são destrinchadas quais foram e porque surgiram, durante os anos de 2016 a 2018, o que estamos chamando de *novas formas de matar*. Por fim, confere-se especial ênfase às maneiras como redes sociais *WhatsApp* e *Facebook* foram instrumentalizadas na efetivação dessas práticas no contexto da *guerra* do tráfico.

Ao final, esperamos ter mostrado como as facções encadearam suas estratégias de ação, tomando como referência a possibilidade de transformação da violência letal extrema em capital econômico, valendo-se, para isso, do aspecto simbólico contido nesse tipo de violência, responsável por produzir níveis de temor social que reafirmam o poder dos agentes perpetradores da violência – e, com isso, aumentam seus lucros (Valencia, 2010).

Mercados ilícitos, capitalismo *gore* e violência

A fundamentação teórica do presente artigo parte de uma perspectiva mais global do tráfico de drogas e da sua compreensão como vetor de produção de violência extrema nos países em desenvolvimento, por meio da articulação entre a teoria proposta pela filósofa mexicana Sayak Valencia Triana (2010; 2012), e alguns estudos mais recentes a respeito das configurações do mercado ilícito de drogas no contexto das favelas brasileiras (cf. Grillo, 2019 ; Feltran, 2008).

O termo *gore* é utilizado por Valencia para qualificar o capitalismo, as práticas e a violência próprios do contexto do narcotráfico mexicano. Nesses termos, pretende traduzir uma realidade específica que é fortemente marcada pela violência, pelo narcotráfico e pelo necropoder⁸, mas inserida em um processo mais amplo de globalização, no qual o fluxo

⁸ Valencia é pioneira ao retomar o conceito teórico de Achille Mbembe (2014; 2018) de *necropolítica* para explicar a realidade específica do tráfico de drogas na América Latina. Ainda que não seja possível, no presente trabalho, desenvolver os pormenores da teoria como gostaríamos, lembramos que a construção do conceito é uma subversão pós-colonial da célebre “biopolítica” foucaultiana e, em suma, prevê que manifestação do necropoder possui três principais características: a fragmentação territorial, o acesso proibido a certas zonas e a expansão dos assentamentos (Mbembe, 2018, p. 43). Trata-se, portanto, de uma ocupação fragmentada produzida pelo

livremente permitido não é de pessoas, mas de drogas, de violência e do capital por ele produzido (Valencia, 2010, p. 20-21). O capitalismo *gore* poderia ser entendido ainda como uma luta internacional do “pós-colonialismo distópico extremo”, recolocado na ordem mundial pelo hiperconsumismo e pela obediência acrítica à ordem hegemônica masculinista (Valencia, 2012, p. 89).

Neste marco teórico, compreende-se a violência e sua espetacularização como vetores em todos os campos do conhecimento e da ação. Da união dessa episteme da violência com o sistema capitalista, surge, na compreensão de Valencia, o chamado capitalismo *gore* (2010, p. 27). A autora retoma algumas questões próprias do neoliberalismo, com ênfase nas exigências que o sistema impõe sobre o indivíduo, tornando-o responsável por si próprio e situando-o sob uma racionalidade econômica que cria a precarização laboral e faz surgir as práticas *gore*. Tais práticas são executadas por sujeitos que encarnam o *self-made man* ao buscarem o cumprimento das regras liberais referentes aos aspectos econômicos e às imposições da masculinidade hegemônica (Valencia, 2010, p. 30). No contexto da necropolítica de Valencia, os desejos de governabilidade e de seguridade trazidos pela biopolítica se materializam pela exploração dos recursos naturais do território, pela venda da segurança privada e pela apropriação dos corpos da população ora como mercadorias de troca, ora como corpos consumidores das mercadorias oferecidas pelo necromercado (ibid., p. 99).

Ao fim e ao cabo, os conflitos entre os grupos criminais da droga seriam, segundo a teoria ora articulada, lutas pelo necropoder através das quais os “vencedores” se liberariam do controle estatal e maximizariam seus lucros (Estévez, 2017, p. 81). Talvez a grande inovação de Valencia (2010) tenha sido a percepção de que, no caso da realidade dos países do “Terceiro Mundo” impactados pelo mercado da droga e da violência, são os próprios indivíduos sujeitados pelo Estado os responsáveis por efetivar boa parte das estratégias da necropolítica.

Na visão de Valencia, a crise econômica da década de 80 no continente latino-americano, em conjunto com as políticas de desregulação dos mercados, a ineficiência estatal e o bombardeio de informação consumista, levaram ao aprofundamento da pobreza, contribuindo para alavancar a popularização da economia criminal e o uso da violência como ferramenta mercantil (2010, p. 36). É justamente a subversão dos processos tradicionais de trabalho, o fortalecimento de um desprezo pela condição de proletariado e pela cultura laboral, além de uma profunda socialização pelo consumo o que possibilita as condições para o surgimento das

encadeamento dos poderes disciplinar, biopolítico e necropolítico. Para Valencia, o fenômeno do narcotráfico no México é uma realidade que poderia ser lida por meio dessa lente teórica.

práticas *gore*, entendidas como o exercício sistemático e repetido da violência mais explícita, ferramenta de enriquecimento rápido que permite o custeio tanto de bens comerciais, como a conquista da valorização social (Valencia Triana, 2012, p. 82).

Para a autora, as redes criminais seriam os exemplos mais visíveis e representativos do capitalismo *gore*, sobretudo, aquelas que se destinam ao tráfico de drogas. Trata-se de redes responsáveis por novas formas de gestão da violência, concebendo-se um tipo de organização laboral em que há divisão de tarefas entre os trabalhadores, com especial destaque para a precarização dos jovens que se colocam na linha de frente da venda de drogas (Valencia, 2010, p. 100).

Segundo Adorno (2002), no contexto brasileiro, desde os anos 1990 observamos a expansão de crimes e violências associados à criminalidade organizada, tendência que se deve à inserção do Brasil nas rotas de tráfico internacional à emergência de “facções” criminosas e às dinâmicas de interação entre esses grupos, que apontam para mudanças significativas no perfil das pessoas envolvidas com o crime. A expansão sem precedentes na história brasileira da sociabilidade desse “mundo do crime”⁹ impulsionou a produção de investigações no campo das ciências sociais centradas na compreensão do funcionamento dos mercados informais, ilegais e ilícitos, de modo que as produções sobre o tema desde a década de 80 do século XX até a atualidade precisaram se adaptar às modulações que esse cenário foi sofrendo ao longo desse período.

São pioneiros os estudos de Zaluar (1985) e Machado da Silva (1999) sobre as práticas de violência nas favelas cariocas, os quais fundamentaram a análise posterior de Misse (1999) sobre essa mesma realidade. O trabalho deste autor, aliás, foi fundamental para a emergência da Sociologia da Violência no país pois, foi a partir de algumas de suas categorias que as etnografias mais recentes puderam ser realizadas (cf. Marques, 2018, o que veio a ser conhecido como “teoria etnográfica do crime” (Hirata; Aquino, 2018, p. 113).

Esses e a maior parte dos trabalhos no campo das facções criminais, contudo, tratam do cenário das capitais do Rio de Janeiro e São Paulo. Ocorre que, após a segunda metade da década de 2000, surge um fenômeno “silencioso” (ou “silenciado”, como apontam os autores do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2018) de expansão das “facções prisionais” para

⁹ A definição de “mundo do crime” comporta variações segundo diferentes autores. Para Feltran, trata-se do “conjunto de códigos sociais, sociabilidades, relações objetivas e discursivas que se estabelecem, prioritariamente, no âmbito local, em torno dos negócios ilícitos do narcotráfico, dos roubos, assaltos e furtos” (2011, p. 19). Já Grillo optou por definir o “crime” como “forma de vida” (2013) e Biondi como “movimento” (2014). O ponto em comum é a compreensão de que não necessariamente o termo “crime” designa ações passíveis de serem enquadradas em tipos penais.

além dos tradicionais redutos das maiores capitais do país (FBSP, 2018). É esse o caso do mercado da droga no Rio Grande do Sul e, sobretudo, na capital do estado. As maneiras encontradas pela *estrutura do tráfico* para consumir essa operação, as razões que justificam a opção por determinados tipos de violência extrema, bem como as consequências produzidas para a dinâmica do mercado da droga no Rio Grande do Sul após o ano de 2018 serão expostas a seguir.

Das facções prisionais aos *embolamentos*: dinâmicas do tráfico no Rio Grande do Sul

Conhecida como “Falange Gaúcha”, a primeira facção prisional do Rio Grande do Sul se caracterizava pela criação de mecanismos de auxílio aos presos do Presídio Central de Porto Alegre e aos apenados libertos ou foragidos, tendo clara inspiração na já consolidada Falange Vermelha no Rio de Janeiro (Cipriani, 2019, p. 50). Em seu princípio, ainda no final da década de 80, a facção foi liderada por Dilonei Melara, um importante personagem da história do crime gaúcho, cuja capacidade de liderança entre os presos possibilitou mobilizar a população carcerária em um grupo forte o suficiente para demandar melhorias ao Estado e articular o crime na rua.

Entretanto, em 1990, uma guerra entre grupos rivais começou a se consolidar dentro e fora das prisões, sobretudo na busca pela hegemonia do controle dos presídios e do tráfico de drogas na cidade de Porto Alegre. Os conflitos perduraram durante toda a década, entremeados por uma situação de muita instabilidade no sistema prisional do estado. Em 1995, após uma série de motins, fugas e rebeliões, a Polícia Militar do estado (conhecida como Brigada Militar) passou a ser responsável pela administração do Presídio Central em Porto Alegre (Schabbach; Passos, 2020). Nesse mesmo período, a “Falange Gaúcha” se extinguiu e deu lugar a outro agrupamento, denominado “Manos”, cujo líder central era o próprio Melara.

Estimulados pela nova administração do presídio, os rivais dos “Manos” acabaram constituindo outra facção, os “Brasas”, em referência ao seu líder de mesmo nome. Como uma espécie de terceira via, os “Abertos” se tornaram um agrupamento que unia aqueles que estavam em desacordo tanto com os Manos, como com os Brasas, ou seja, um coletivo formado por aqueles que “abriram” em relação aos dois grupos (Dornelles, 2017, p. 157).

Conforme observa Cipriani, portanto, a virada do século significou para o Presídio Central o início de um período de “pacificação”, em que os antigos episódios de fugas e assassinatos no interior do estabelecimento deixaram de ocorrer com a frequência observada nas décadas anteriores, sobretudo a partir da abertura de canais mais duráveis de comunicação

estabelecidos entre os apenados e a Brigada Militar¹⁰ (2019, p. 73). Ademais, o assassinato de Melara, em 2005, consolidou o fim de um importante período dos coletivos criminais da capital gaúcha, pautado pelo protagonismo do apenado conhecido pelas fugas cinematográficas e pela liderança adquirida através da sua capacidade de negociação com as autoridades nos momentos críticos de instabilidade e do respeito diante dos demais presos (Dornelles, 2017, p. 172).

A fase que se seguiu à morte do líder dos Manos foi marcada, primeiro, por uma crescente divisão das galerias do Presídio Central por parte das facções, as quais começavam “a se tornar não só mais homogêneas internamente (...), como também mais diversificadas entre si” (Cipriani, 2016, p. 115). Assim, entre os anos de 2005 a 2011, os coletivos criminais coexistiram de forma menos violenta, respeitando as divisões do território da cidade no que se refere ao domínio do mercado ilícito de drogas. Como bem concluiu Cipriani, essa divisão tanto “fora” do Presídio Central, como “dentro” (por meio da gerência das galerias prisionais) se estabeleceu, nesse período, como uma lógica de fortalecimento dos grupos: o poder espacial no interior do Central aumentava o poder econômico no mercado de drogas e vice-versa (2016, p. 128).

A relação de forças equilibrada dentro da instituição prisional, contudo, foi rompida pela emergência dos “Bala na Cara” e seus *contras*, os “Antibala”, grupos que surgiram fora da instituição prisional e vieram a se tornar os principais protagonistas da *guerra* ocorrida entre 2016 e 2018 em Porto Alegre. Durante esse período, não apenas se contabilizaram centenas de mortes, como novas formas de matar foram operacionalizadas em ciclos de ação e reação entre esses dois *embolamentos* principais.

Oriundos da parte mais carente de recursos do bairro Bom Jesus em Porto Alegre¹¹, os Bala na Cara despontaram para os olhos das forças policiais em 2007. Agindo primeiramente como uma espécie de “braço armado” dos Manos – por meio da realização de execuções em nome da facção – o grupo, desde o princípio, estabeleceu um modo de ação extremamente

¹⁰ De certa forma, portanto, o estímulo à criação dos “Brasas” como grupo antagônico dos “Manos” fez com que esses últimos, paulatinamente, abandonassem a estratégia de rivalizar com os Policiais Militares e passassem a adotar uma lógica de negociação com os administradores do presídio. Assim, a organização das galerias do Central a partir da vinculação aos grupos prisionais que haviam sido formados nesse ínterim foi uma estratégia inaugurada nesse período, mas que nunca deixou de ser utilizada pela administração do presídio. Essa lógica de “gestão compartilhada”, também observada em outros estados, foi a forma com que os agentes estatais lograram manter pacificado um ambiente com quase quatro vezes mais população do que capacidade e que chegou a ser considerado a pior unidade prisional do país (Brasília, 2009, p. 488).

¹¹ O bairro Bom Jesus, local de surgimento dos Balas, localiza-se na Zona Leste da cidade e conta com quase 30 mil moradores, dos quais 35% são adolescentes e jovens. A renda média dos seus habitantes, segundo Censo de 2010, é de apenas R\$705,50 mensais. Seu território é delimitado por uma grande avenida ao norte, mas o espaço é relativamente plano, sem que barreiras geográficas auxiliem na determinação dos limites que o distinguem dos bairros vizinhos (OBSERVAPOA, 2019).

violento, demonstrado pelo seu próprio nome. A autodenominação da facção fundou-se no que viria a ser a sua marca registrada, o *tiro de esculacho*, ou seja, a preferência por atirar no rosto do desafeto, de modo que o mesmo fosse enterrado com caixão fechado, ação que “estendia a humilhação da vítima para o velório” (Cipriani, 2019, p. 138).

Assim, após se afastar dos Manos, os Bala se estabeleceram como um grupo do mercado da droga distinto dos demais, em razão de um modo específico de agir. Pela lógica do mercado do capitalismo *gore*, uma nova empresa precisa de uma *marca registrada*TM (Valencia, 2010, p. 105) e o *tiro de esculacho* cumpriu exatamente esse papel na apresentação dos Bala aos seus concorrentes. O *modus operandi* da facção não se diferenciava apenas pela forma eleita para matar, mas também em razão das táticas utilizadas para *tomar as bocas* contrárias. A estratégia consistia, basicamente, na coação especialmente violenta dos *gerentes* das *bocas* para que se filiassem ao grupo, somada à oferta de vantagens comerciais aos traficantes recém cooptados, como o empréstimo de armas e o fornecimento de drogas (Cipriani, 2019, p. 134).

De modo a criar uma resistência contra o avanço dos Bala, grupos que, até então mantinham sua atuação restrita a um local específico, estreitaram relações para criar uma “quadrilha com um objetivo em comum”¹². Os Antibala, organizados especialmente a partir da aliança entre os traficantes do bairro Vila Jardim – bairro fronteiriço ao Bom Jesus – e o grupo oriundo da Vila 27 na Cruzeiro, o V7, passaram ao conhecimento da população da cidade por meio de uma série de ações de extrema violência, como o uso de decapitações e esquartejamentos. Essa proximidade acabou facilitando as incursões armadas de um *embolamento* no território contrário, além de ter tornado os territórios do entorno espaços à mercê da disputa, muitas vezes subdivididos por fronteiras imaginadas e conhecidas apenas pelos próprios *envolvidos*. Assim, as *novas formas de matar* foram precedidas de *novas formas de gerir* os territórios do tráfico, com a constituição de alianças entre grupos de espaços geograficamente distantes.

Como consequência do conflito que se espalhou por toda a cidade, tanto Balas, como Antibalas, passaram a executar sujeitos do grupo contrário – ou simplesmente, *contras* – por meio do uso da violência extrema. No ano seguinte, a disputa se alastrou também para as cidades vizinhas, como Alvorada, Viamão, Canoas e Eldorado do Sul, na Região Metropolitana de Porto Alegre¹³. Em muitos casos essas cidades fazem fronteira com os bairros da capital que estavam em disputa, de modo que os conflitos acabaram transbordando para os municípios vizinhos também pela contiguidade no espaço urbano.

¹² Facções criminais avançam na capital. *Diário Gaúcho*, 16 set. 2016, p. 28.

¹³ Facções espalham mortes. *Diário Gaúcho*, 09 jan. 2017, p. 24.

Com a formação dos Antibalas, o chamado *tiro de esculacho* passou a ser contraposto pelos atos de decapitações e esquartejamentos. Por fim, mais recentemente, começaram a ocorrer mortes por meio dos chamados *atentados*¹⁴ e carbonizações. O que se instaurou, a partir desse momento, foi o acirramento dos conflitos entre esses dois polos de poder. Segundo Cipriani, a formação dos Antibala se justificou internamente a partir de duas frentes: os interesses comerciais e o discurso de reação às *covardias* cometidas pelos Bala (2019, p. 132). Essas *covardias* – como a tomada de *bocas* pelo uso da violência e ausência de “limites” à ambição comercial – foram entendidas como uma “falta de ética” no crime, como um desrespeito aos acordos estabelecidos até então. Foi durante a *guerra* que o uso de performances violentas foi operacionalizado não apenas contra os *envolvidos*, mas contra suas mulheres e familiares.

Para além da polarização entre Balas e Antibalas, o terceiro pilar da configuração do tráfico de drogas no estado, neste período, foi a facção dos Manos. Da Falange Gaúcha dos anos 80, passando pelo agrupamento liderado por Melara, os Manos chegaram ao cenário atual como “a facção mais antiga e ainda a mais rica nas cadeias gaúchas”¹⁵. O seu principal território de atuação são cidades de porte médio no interior do estado, com destaque para a atuação no Vale dos Sinos¹⁶, Caxias do Sul, Pelotas, Rio Grande e Bagé.

A expansão para os territórios do interior do estado ocorreu a partir da reedição da gestão compartilhada entre coletivo criminal e sistema prisional que já havia se mostrado efetiva para a sobrevivência do grupo no Central, ainda no início do século. Conforme explicou um interlocutor da pesquisa, os líderes da facção que possuíam penas extensas em razão da participação em assaltos a bancos foram transferidos para as prisões construídas fora da capital. Dessa forma, as 2ª e 3ª galerias do Pavilhão B do Central acabaram extrapolando os muros da prisão para se estabelecerem nas prisões do Vale dos Sinos e em outros territórios do interior do estado, de modo que tráfico de drogas, principal e mais lucrativo empreendimento das facções gaúchas, acabou migrando para essas cidades simultaneamente à construção das novas casas prisionais.

¹⁴ O atentado – também chamado de “bondes da morte” ou “tiros a esmo” – é um tipo de ação, em que grupos de jovens fortemente armados se deslocam em veículos aos territórios dominados pela facção contrária para executar alguns integrantes, disparando muitos tiros a uma boca ou à residência de um sujeito em específico, sem necessariamente haver a preocupação de mirar os disparos em uma única direção. Por vezes, a ação é gravada e veiculada em site de compartilhamento de vídeos em que se observa a rota planejada, as execuções de inimigos específicos e a entoação do nome da facção da qual se faz parte. Os vídeos também podem ser enviados àqueles que ordenaram a ação, de modo a produzir uma prova de que o fato foi realizado.

¹⁵ Facções criminosas avançam na capital. *Diário Gaúcho*, 16 set. 2016, p. 28.

¹⁶ Vale formado por municípios ao entorno do Rio dos Sinos, como Novo Hamburgo, Campo Bom, Canoas, Esteio, São Leopoldo, Sapiranga e Sapucaia do Sul. Localiza-se na Região Metropolitana de Porto Alegre, sendo uma das regiões economicamente mais importantes do estado.

Nesses novos espaços, os Manos aderiram a uma tática de *crime pacificado* (Cipriani, 2019, p. 254) em que a expansão dos territórios de controle deve ser sopesada com o interesse por não entrar em conflitos desnecessários. Uma das formas para instrumentalizar essa estratégia é a vinculação da facção, nas regiões interioranas, aos grupos locais a partir do fornecimento de armas e drogas. Para isso, jovens que são oriundos dessas localidades e que acabam sendo presos entram em contato com as lideranças da facção, as quais identificam os sujeitos com maior capacidade de articulação nas suas comunidades de origem e os elegem como representantes do *embolamento*. Esses jovens se tornam a ponte entre a facção e o território, os sujeitos “que fazem a *mão*”, de modo que, em pouco tempo de cadeia, adquirem um elevado grau de poder.

Em contrapartida à expansão dos Manos para o interior do estado, a força adquirida pelos Bala por meio da *guerra* possibilitou que a facção alçasse voos maiores, também pretendendo, a partir de 2018, a disputa do mercado da droga para esses novos espaços mais distantes da capital. Já os V7, principais articuladores dos Antibala, que até então restringiam sua atuação a uma parte de um bairro na Zona Sul de Porto Alegre conseguiram, em menos de dois anos, expandir sua influência, não apenas na sua região de origem – onde seu comando se tornou praticamente absoluto –, como também em territórios antes intocáveis no cenário do tráfico de drogas de Porto Alegre.

A lógica da crueldade: o recurso à violência extrema e o uso das redes sociais

A respeito do recurso à violência extrema no conflito entre os *embolamentos*, os adolescentes interlocutores da pesquisa explicaram seu emprego como forma de “mostrar poder” e de “botar respeito” para o grupo contrário. Também foi apontada a necessidade de “humilhar” esse sujeito, sobretudo pela divulgação dos atos por meio da filmagem e divulgação: “se nós pegar um deles, nós vamos humilhar eles”.

É, daí virou mídia. Porque hoje em dia, bá o embolamento esquarteja, faz vídeo. Mais pra mostrar o poder. "Ah eu arranquei a cabeça dele". Os outros vão e dão-lhe de 12 na cara e arrebeta a cabeça. "Ah por quê?" Ah só pra eles verem que nós somos ruim. Os cara são mais assim hoje em dia. Mostrar poder. Que nem os cara vão ali, tu vai com um oitãzinho pra matar o cara. Matou. Nem precisa dá lhe mais, mas os cara vão lá e dão um pente de 30 na cara só pra mostrar poder.
(Entrevista com João Pedro, 20 anos)

Algumas dessas filmagens acabam sendo veiculadas para um maior grupo de pessoas, ou então “caem na mídia”, como explicaram os adolescentes durante os grupos focais. Eram casos de ainda mais espetacularização do evento violento que deixou de atingir apenas os destinatários originários, vinculados ao *embolamento* rival, para se dissipar por grupos de

WhatsApp de moradores das vilas, ou até em mídias tradicionais, como telejornais regionais, por exemplo.

Para Valencia, esse processo de disseminação da violência através dos meios de comunicação por parte dos grupos do narcotráfico visa concretizar uma espécie de “publicidade não paga” (2010, p. 101), constituindo-se como um elemento fundamental de visibilização e status que confere legitimação ao grupo, sobretudo pela proliferação social de um “medo endêmico”. Ressaltamos, contudo, que, no caso de Porto Alegre, a espetacularização da violência nos níveis mais drásticos ocorreu de maneira localizada, pois tanto os vídeos das execuções, como as informações a respeito das modalidades mais extremas da violência, na grande maioria dos casos, não extrapolaram os limites dos territórios ocupados pelo tráfico de drogas.

O propósito com a propagação do medo é atingir destinatários específicos que são os *contras*, e não o conjunto da sociedade. Nesse sentido, não parece haver capitais políticos mais amplos em disputa pelas facções, como o desejo de demonstrar poder às forças policiais, por exemplo. Durante o período da *guerra*, em suma, os capitais de legitimação social se mantiveram em disputa apenas entre os *embolamentos* que buscavam alcançar um nível maior de poder e respeito em relação aos seus *contras*. Nesse contexto, a moeda necessária para a conquista do patamar almejado foi o que, para os fins desta análise, denominamos violência letal extrema.

Assim, os dados empíricos permitem ponderar a ideia de que a violência extrema (ou atos cometidos com *crueledade*) seria injustificável ou irracional por natureza. A análise da historicidade dos atos faz emergir sentidos próprios para a operacionalização dessa violência, seja pela lógica econômica que pauta o desejo de expansão e consolidação dos *embolamentos* no mercado de drogas regional, seja pela constatação, a ser desenvolvida em futuros trabalhos, de que a violência extrema atua no fortalecimento do *envolvimento* dos sujeitos a esses grupos criminais.

Nesse sentido, os extratos jornalísticos coletados permitem duas análises principais. Em primeiro lugar, ficou demonstrado que as estratégias das facções se modificaram em um curto espaço de tempo. Embora a racionalidade dessas necropráticas esteja normalmente escondida sob o véu da *crueledade*, tais transformações não foram aleatórias. A compreensão do fenômeno a partir da teoria do capitalismo *gore* possibilita romper com essa linha de pensamento – que também é responsável por atribuir características monstruosas aos sujeitos *envolvidos* nesses atos – , tornando possível a percepção do uso da violência tanto como ferramenta de autoafirmação pessoal, quanto como um modo de subsistência (Valencia, 2010, p. 91).

Há, portanto, uma *coerência* interna própria nessa lógica alternativa de produção de ganhos financeiros demonstrada pelo encadeamento dos tipos de violência extrema acionados pelos grupos. A destruição dos corpos realizada por meio dos alvejamentos – morte *sem assinatura* – é sobreposta, em seguida, pela letalidade com *marca registrada*, as decapitações e esquartejamentos. Essa destruição dos corpos é, inicialmente, a resposta encontrada pelos Antibala para demonstrar seu espaço no mercado da droga, mas logo se generaliza e deixa de servir como forma de identificação da autoria do fato. Em meio a isso, os *atentados* extrapolaram em mais um nível os limites que se impunham até então.

O corpo do Outro – que, na *fase* das decapitações precisava ser absolutamente destruído em sua individualidade, desconfigurado e *desidentificado* (Barreira, 2015, p. 65) – perde relevância. Com os *atentados*, é a contiguidade do espaço territorial em que a facção contrária estava estabelecida que precisava ser atingida. Nessa nova configuração, a violência transborda tanto o corpo dos *envolvidos*, como suas relações pessoais: não é mais necessário possuir relação afetiva ou de parentesco para se tornar um alvo, basta estar espacialmente próximo. O alvo é o *todo*.

Aqui é relevante retomar que não apenas o território é concebido como espaço delimitado pelas relações de poder, como também o poder “só se exerce com referência a um território e, muito frequentemente, por meio de um território” (Souza, 2013, p. 87). O *atentado*, por sua vez, visa *atentar* justamente contra a ligação afetiva e de identidade entre um grupo social e seu espaço. O *embolamento* que ataca por meio dos tiros sem direção, no fundo, está emitindo uma dúvida a respeito das relações de poder desse espaço; está questionando quem, afinal, domina ou influencia esse território (*ibid*, p. 89).

Essa estratégia tornou mais evidente um senso de coletividade entre os executores da ação. Os *atentados* devem ser realizados em grupo – normalmente quatro jovens em um carro –, como equipes alinhadas para garantir o sucesso da empreitada. Essa noção de coletividade ficou clara no relato de um adolescente a respeito da metáfora utilizada por eles para se referirem à ação.

É porque quando nós ia dá atentado, nós falemo "ô meu, vamo parti um futebol". É assim que o cara fala na rua "ô meu, vamo parti um futebol". É dá atentado. É um time né. Bá minha equipe era só de menor, era tudo de menor. Era quatro cinco de menor indo dá tiro nos cara. Tudo de menor. Mas já era monstro já, fazia um bolo. E por o cara ser de menor, eles preferem o cara também né. "Não, vamo leva os guri, os guri são monstro¹⁷" (...).
(Entrevista com João Pedro, 20 anos)

¹⁷ O uso da representação de um “monstro” para designar a qualidade e o comprometimento dos adolescentes com o *embolamento* pressupõe a ideia de alguém que precisa produzir medo para ser valorizado.

O aumento da violência produziu baixa na venda das *bocas*, pois os consumidores se sentiam receosos em se deslocarem a esses territórios e a polícia ficou mais presente, além de deixar os *envolvidos* mais apreensivos em ficar nas ruas vendendo as mercadorias, pelo risco de sofrerem ataques de seus *contras*. Contudo, práticas como os *atentados*, que nem sempre produzem a *tomada imediata da boca*, no longo prazo, facilitaram a expansão dos grupos.

Pesquisadora: Mas daí não entra outros no lugar? [referindo-se à substituição daqueles agentes do tráfico que são mortos nos atentados]

Matheus: Entra, mas entra outros que não conhece a boca. O cara tem que matar os cria primeiro. Mesma coisa os cara vão lá na minha boca, os cara vão ter que me matar. Se tiver eu e outro gurizão que tiver de outra boca lá, junto, dando um apoio pra nós, os cara vão preferi matar eu do que o gurizão, porque eu sou o cria, eu conheço a boca, eu sei, eu conheço tudo. Já o gurizão não.

Pesquisadora: Entendi. Então tu acha que é pela grana assim? Pela missão de...

Matheus: É, o cara vai lá toma uma boca e o cara...O cara vai ser apoiado né Dona? Se eu vou lá e tomo uma boca, os cara vão fala "viu pega essa parte pra ti". Já vão te largar uma droga, daí tu vende. Então é dinheiro pra eles e pra nós. Mais pra eles, claro. (Entrevista com Matheus, 17 anos)

Identificamos, portanto, uma sistemática *coerente* no uso dessas práticas. São estratégias de produção de capital econômico, pautadas pelas leis do mercado de drogas local e entendidas como práticas *gore* (Valencia, 2010, p. 51). Para Valencia, os únicos limites ao exercício dessa violência são aqueles das leis da oferta e da demanda dos seus próprios negócios, de modo que ela está pautada por uma “disciplina econômica” e é operacionalizada para imprimir marcas específicas de cada grupo criminal – quando isso for conveniente aos negócios. Assim, a truculência da sua produção mascara uma racionalização distópica e propriamente econômica, na qual, ao contrário do que poderia se pensar, não se perderam as referências do porquê se mata (Valencia, 2010, p. 105).

Sob essa interpretação, quando o mercado de drogas alcança um ponto de crise, por exemplo pela inserção de um conjunto de sujeitos que pautam novas estratégias de expansão territorial, há um incremento da violência nas ações, como no caso da polarização entre Balas e Antibalas nos anos entre 2016 e 2018. Demonstrou-se, portanto, que as distintas formas de uso da violência extrema por parte dos coletivos possuem uma correlação com o seu posicionamento no mercado da droga do estado. A opção por elevar o nível de exercício da violência – do homicídio simples ao *tiro de esculacho* e desse às decapitações – se justificou na medida em que, para a lógica do capitalismo *gore*, essa violência pode ser transformada em chave de acesso à competição do mercado da droga. As quantias despendidas nessas estratégias violentas são, futuramente, recompensadas pelo domínio de outros territórios, conforme explicou um dos adolescentes entrevistados.

João Pedro: É o poder, porque se a boca deles vende 20 mil num dia. Vamo mata. Agora num tempo não vai ter como funcionar, mas depois de um tempo vai ser nosso

e vai tá funcionando. Vai tá rendendo dinheiro. E hoje em dia, o cara querendo ou não, o tráfico bá, o tráfico rende dinheiro afu. (Entrevista com João Pedro, 20 anos)

Outra conclusão da pesquisa foi que a atuação dos Manos constituiu um importante fator para a reorganização do uso da violência extrema no mercado da droga do estado, sobretudo no período mais recente do triênio analisado. Isso ocorreu em duas frentes. Por um lado, a deterioração do conflito entre Balas e Antibalas e o rompimento de quase todos os pilares que até então estabeleciam a *ética* do crime, do que era considerado aceitável e inaceitável, afetaram a dinâmica de todos os grupos, forçando os Manos a retomarem a liderança decorrente do fato de serem a “facção mais antiga do RS”. Por outro, o seu enfrentamento dos Bala pode ter influenciado a expansão dos seus opositores para o interior do estado, em busca de novos territórios de atuação e da definição simbólica de quem deve ocupar o lugar de “facção do sul” (Cipriani, 2019. p. 187).

Assim, quando as configurações sociais do tráfico de drogas se transformaram em razão do deslocamento do conflito para outras cidades, os agentes do mercado modificaram a forma como se produzia a violência, de modo a torná-la menos espetacularizada. Esse *retorno* aos antigos modos de matar é mais um forte indício de que a violência extrema praticada no contexto do capitalismo *gore* obedece à lógica econômica, mesmo que essa correlação esteja escondida sob os discursos que evocam a brutalidade e a *crudeldade* dos atos.

Por fim, os caminhos que os coletivos criminais do Rio Grande do Sul tomaram nos últimos anos e os modos de operacionalizar a violência que foram adotados nesse período permitem identificar a persistência dos *envolvidos* em garantir a competitividade de seus *embolamentos* no mercado da droga. Nesse sentido, a opção pela violência extrema, apesar de todos os sacrifícios àqueles que executam esses atos – tanto em relação à subjetividade dos jovens, quanto ao aumento descomunal dos custos e riscos de *envolver-se* com o tráfico –, indica que a aderência desses homens aos valores e objetivos da sociedade capitalista é tão forte a ponto de, sejam quais forem as condições estruturais postas (Contreras, 2013, p. 237), impulsioná-los em direção à transformação das necropráticas em capital econômico.

Para que os episódios de violência extrema pudessem ser transformados em capital econômico para a facção, foi necessário realizar uma operação de “marketing” entre os grupos, efetivada a partir da veiculação de vídeos, fotos e mensagens nas redes sociais *WhatsApp* e *Facebook*. Uma primeira questão diz respeito ao uso dessas redes sociais como propulsores da violência no contexto em que vivem. Na visão dos interlocutores, as discussões e conflitos iniciados por meio desses canais acabavam gerando mortes, de modo mais veloz e com menos

possibilidades de controle em relação ao período em que os aplicativos de comunicação não eram difundidos.

A vigilância dos *contras* por meio das postagens nas redes é um exemplo da transformação do modo de atuação no tráfico na “era dos aplicativos”. Segundo um dos interlocutores, atualmente é mais fácil “pegar os cara”, na medida em que os próprios sujeitos indicam pelo seu *Facebook* o lugar em que se encontram, facilitando que ele seja localizado: “ó fulano tá em tal lugar, vamo lá pegar”.

Wellington: Facebook dá várias mortes né Dona?

Pesquisadora: É, por quê?

Wellington: Ah porque daí, por exemplo...

Matheus: Tu pode postar uma foto e tá marcado ali em cima onde é que tu tá. Daí a pessoa olha "ah ali o fulano".

Wellington: Eles vão e te matam.

Matheus: "Ah, ali o fulano". Vamo vê a hora. Ah postou agora, então quer dizer que ele tá agora, vamo lá então. (Grupo focal 2, realizado com adolescentes internados da FASE)

O atendimento aos clientes na *esquina* também passou a ser realizado com o uso do celular, de modo que todas suas ações eram imediatamente reportadas aos seus superiores: “tudo que nós vamos fazer temos que falar antes”. Outro fator essencial para os desdobramentos desse conflito bélico foram as mídias contendo filmagens de execuções, principalmente no caso das mortes com violência extrema. Os adolescentes explicaram que, durante o período mais intenso de disputas, as facções começaram a filmar certos homicídios, utilizando os vídeos como forma de demonstração de poder entre os grupos: “olha aí o que nós fizemos com vocês”.

João Pedro: (...) Manda pros cara. Tipo os cara do presídio fala “ó peixe, tem que ali matar o fulano”. Aí o cara vai e já faz um vídeo.

Felipe: “Ah manda aí o vídeo”. Daí os cara mandam.

João Pedro: O cara faz o vídeo e já manda “aí cupinxa, peguemo”.

(Grupo focal 1, realizado com adolescentes internados da FASE)

Observou-se portanto, um certo fluxo de comunicação: a) os *envolvidos* que possuem maior grau hierárquico dentro dos *embolamentos*, normalmente recolhidos no sistema prisional, requerem àqueles que estão em liberdade a realização de um determinado homicídio; b) os executores recebem a ordem e filmam a ação, devolvendo também pela rede *WhatsApp* o vídeo que prova que a solicitação foi cumprida. Nesse sentido, aumentou consideravelmente a pressão despendida por parte daqueles que possuem maior poder de comando no interior das facções em relação aos executores das ações diárias do tráfico, um contexto em que o tempo desses sujeitos é quase completamente perpassado por algum nível de *envolvimento* nas atividades do tráfico de drogas.

Paralelamente, um dos principais meios de transformar as redes sociais em instrumento de fortalecimento dos laços sociais da comunidade são os grupos de *WhatsApp* formados por

dezenas de moradores de uma determinada vila. Nesses espaços, são compartilhadas notícias e avisos que visam a proteção da coletividade, como, por exemplo, de que assaltantes em um carro de determinada cor estão efetuando roubos ou de que assaltos estão ocorrendo em certa parada de ônibus. A colaboração dos que moram nas vilas se dá por meio dos grupos de *WhatsApp*, informando a *subida* dos policiais e seu deslocamento em direção às *bocas de tráfico*, ou ainda a existência de *barreiras policiais*, possibilitando que os *envolvidos* fujam ou se protejam das abordagens.

Wellington: É mais os grupos da vila que a gente mora, sabe? Porque cada um é de um canto aqui, daí tem o grupo da vila que é pra não te prender. Tem vários morador no grupo e tem vários embolados.

Leonardo: Eles avisam.

Wellington: Quando os homi tá subindo eles avisam pro cara conseguir fugir.

Pesquisadora: E daí tem gente de toda a vila assim?

Wellington: Sim, toda a vila. Trabalhador, envolvido, tudo.

(Grupo focal 2, realizado com adolescentes internados da FASE)

Por fim, as redes sociais também foram essenciais numa estratégia que utilizava mulheres como instrumentos de emboscadas. Durante os grupos focais, os interlocutores indicaram duas maneiras de operacionalizar essa emboscada: pelo acordo com meninas que atuam em nome da facção – sejam efetivamente *envolvidas* com o *embolamento*, sejam familiares dos *envolvidos* – ou pela construção de perfis do *Facebook* falsos com o uso de fotos de mulheres bonitas.

João Pedro: (...) Hoje também o cara fala pra uma mina "não, vai aí, chama o fulano". Bá, a mina bonita, vai ver as fotos, vou ir. Vai ir, os cara tão esperando pra matar.

Vários: (*som de concordância*)

João Pedro: É assim né Dona.

(Grupo focal 1, realizado com adolescentes internos da FASE)

Ao observar estratégia muito semelhante em etnografia no bairro de South Bronx, na cidade de Nova York, Contreras entende que, com esse tipo de tática, os garotos acabavam realizando “uma armadilha da masculinidade”, utilizando os valores hegemônicos do *ser* homem para vitimizar o próprio homem (2013, p. 125). No caso da presente pesquisa, esse paradoxo se repetiu: os *envolvidos* sabem o quanto a ideia de um homem movido por seus desejos sexuais é importante para a afirmação da masculinidade e a utilizam como mote dos seus próprios interesses. A consequência, no nível micro, é um adolescente que será “arrastado” até seus *contras* e provavelmente será morto; no nível macro, é o reforço do capitalismo *gore* pela obediência acrítica ante a ordem hegemônica masculinista (Valencia Triana, 2012, p. 89).

Considerações finais

Diante dos dados reunidos, ficou evidenciada uma relação de muita proximidade entre a popularização dos usos das redes sociais *WhatsApp* e *Facebook* pelos *envolvidos* e a intensificação do conflito violento entre os Balas e os Antibalas, no chamado período da *guerra* em Porto Alegre e RMPA. A velocidade com que os atos violentos contra um *embolamento* chegavam para o grupo contrário – isto é, os atos *em si*, e não as informações sobre eles, dado o nível de detalhamento das ações que as filmagens permitiram materializar aos destinatários – foi elemento essencial na produção das emoções necessárias à reação violenta, em alguns casos, produzida de forma imediata.

Há, portanto, uma relação estreita entre o uso das redes sociais e a efetivação das necropráticas nos níveis presenciados. Não estivessem disponíveis os aplicativos de comunicação *online*, para que o ato violento realizado por um grupo comovesse de modo substancial o grupo contrário, além de serem necessárias estratégias mais arriscadas, ainda assim, muito dificilmente o ciclo de ação e reação das violências extremas teria ocorrido na velocidade com que se observou no período analisado. O que se extrai, então, é que a realização da violência extrema e sua *publicização* são fatores indissociáveis na produção da *guerra*.

No nível da *estrutura das facções do tráfico*, o curso de ações praticado pelos *embolamentos* e, paralelamente, o encadeamento de distintas formas de violência extrema nos últimos anos demonstraram a centralidade da racionalidade econômica para entender por que esses coletivos haviam optado por essas *novas formas de matar*. Conforme argumentamos no artigo, no contexto do capitalismo *gore* no qual vivemos (Valencia, 2010), o sistema econômico neoliberal pautado no hiperconsumismo e na desregulamentação do trabalho; a imposição da masculinidade hegemônica¹⁸ como padrão a ser alcançado; e a organização do narcotráfico em países de Terceiro Mundo permitem que a violência extrema seja um instrumento capaz de transformar morte em dinheiro.

No caso do Rio Grande do Sul, o surgimento dos Bala na Cara, facção que nasceu na *rua* e, desde o princípio, pautou a sua estratégia pela instrumentalização da violência extrema como “marca registrada” e capital de expansão territorial, foi o *evento disruptivo* que pautou os conflitos entre 2016 e 2018. As decapitações e os *atentados* que se seguiram foram violências decorrentes desse evento relacionado à existência de um sistema econômico e sociocultural que determina modos específicos de transformação de violência em capital econômico: a violência extrema nesse contexto se caracterizou como uma prática *gore* por excelência. Ela atuou para

¹⁸ Esse aspecto da teoria foi tratado apenas de modo lateral no presente artigo. Para um maior detalhamento ver: BARROS, 2020.

efetivamente *envolver* os sujeitos na estrutura; por meio dela, os coletivos lograram se estabelecer no mercado da droga regional e, ao final do período em que foi operacionalizada com mais intensidade, os grupos que a utilizaram saíram fortalecidos, com mais territórios de atuação e menos propícios a serem desmantelados, como os Bala e os V7.

Ademais, para funcionar como capital, a prática da violência extrema precisou ser disseminada de forma instantânea, de modo que os vídeos e imagens compartilhados por meio do *WhatsApp* e do *Facebook*, cumpriram seu papel como “engrenagens fundamentais para a propagação e popularização do capitalismo *gore*” (Valencia, 2010, p. 103). Por meio das ações de violência extrema e da propagação virtual dos atos, os *embolamentos* envolvidos na *guerra* firmaram sua posição no mercado da droga, conquistaram o domínio de galerias no Presídio Central, expandiram seus territórios de ação e alçaram voos maiores: consolidados na capital e RMPA, o interior do estado passou a ser o principal espaço de disputa dos grupos a partir de 2018.

Durante o período de operacionalização da violência extrema, portanto, os *embolamentos* construíram um caminho de radicalização das suas ações que importou na forma como eles passaram a ser entendidos por parte da sociedade e do Estado, de modo que a reconstrução da sua legitimidade *moral* diante desses atores – principalmente em relação às comunidades dos espaços em que atuam – parece ser um enorme desafio para esse momento *pós-guerra*. De todo modo, o que se pode concluir é que a violência extrema, marcada na memória e armazenada nas redes sociais de uma parte da população gaúcha, se tornou um importante recurso na lógica concorrencial das facções do estado. Mostrou-se efetiva e garantiu a sobrevivência dos *embolamentos* que optaram por utilizá-la. Não seria improvável, então, supor que ela seja reativada em momentos futuros.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Sérgio. (2002), Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez, p. 84-135.
- “AUTOR de mutilação é procurado na capital”. (2016), *Zero Hora*, 08 ago. 2016, p. 19.
- BARROS, Betina Warmling. *A coerência da crueldade: os significados da violência extrema para os envolvidos no tráfico de drogas do Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). UFRGS. Porto Alegre, 2020.
- BARREIRA, César. (2015), Crueldade: a face inesperada da violência difusa. *Sociedade e Estado*, v. 30, n. 1, p. 55–74.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. *CPI do Sistema Carcerário* (relatório final). Brasília, 2009.
- Cipriani, Marcell. (2017), Segregação Sócio-espacial e territorialidades do tráfico de drogas: as “facções criminais” diante do espaço urbano. *Revista conversas e Controvérsias*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 5–28.
- _____. (2019), *Os coletivos criminais de Porto Alegre entre a “paz” na prisão e a guerra na rua*. Dissertação de Mestrado. Ciências Sociais, PUCRS, Porto Alegre.

- CONTRERAS, Randol. (2013), *The stickup kids: race, drugs, violence, and the American dream*. Berkley; London: University of California.
- ESTÉVEZ, Ariadna. (2017), La gubernamentalización necropolítica del Estado y la masculinidad hegemónica: Dislocación y recomposición ontológica de los derechos humanos. *Derecho y Crítica Social*, v. 3, n. 1, p. 45–74.
- DORNELLES, Renato. (2017), *Falange gaúcha: o Presídio Central e a história do crimes organizado no RS*. 2ed. ampl. rev. Porto Alegre: Diadorim Editora.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. (2008), *Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo*. Tese de Doutorado. Ciências Sociais, UNICAMP, Campinas.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2014 a 2017*. FBSP.
- _____. (2017), *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017*. FBSP.
- _____. (2019), *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019*. FBSP.
- GRILLO, Carolina Christoph. (2019), Da violência urbana à guerra: Repensando a sociabilidade violenta. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 12, n. 1, p. 62–92.
- HIRATA, Daniel; AQUINO, Jânia Perla Diógenes de. (2018), Inserções etnográficas ao universo do crime: algumas considerações sobre pesquisas realizadas no Brasil entre 2000 e 2017. *Rev. BIB*, São Paulo, n. 84, 2018, p. 107-147.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. (1999), Criminalidade violenta: por uma nova perspectiva de análise. *Rev. Sociol. Polít.* v.13, p. 115-124.
- MARQUES, Adalton. (2018), *Humanizar e Expandir: uma genealogia da segurança pública em São Paulo*. São Paulo: IBCCRIM.
- MBEMBE, Achille. (2014), *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona.
- _____. (2018), *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: n-1 edições.
- MISSE, Michel. (1999), *Malandros, Marginais e Vagabundos & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Sociologia, IUPERJ, Rio de Janeiro.
- OBSERVAPOA. Observando o Bairro: breve análise sobre os bairros de Porto Alegre. *Bom Jesus. ObservaPoa*. Disponível em: http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/bairro_bom_jesus.pdf. Acesso em: 28 nov. 2019.
- PAIVA, Luiz Fábio S. (2019), “Aqui não tem gangue, tem facção”: as transformações sociais do crime em Fortaleza, Brasil. *Cadernos CRH*, v. 32, n. 85, p. 165–184.
- SANTOS, Hermílio; VOLTER, Bettina; WELLER, Wivian. (2014), Teorias e métodos. *Civitas*, v. 14, n. 2, p. 199–203.
- SCHABBACH, Letícia Maria; PASSOS, Iara Cunha. (2020), A produção da ordem no Presídio Central de Porto Alegre pela. *Revista Direito GV*, v. 16, n. 2.
- SOUZA, Marcelo de Lopes. (2013), *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Valencia, Sayak. (2010), *Capitalismo gore*. Espanha: Melusina.
- Valencia TRIANA, Sayak. (2012), Capitalismo Gore y necropolítica en México Contemporáneo. *Relaciones Internacionales*, v. 19, p. 83–103.
- ZALUAR, Alba. (1985), *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Editora Brasiliense.